

O IDEAL

(A' ELITE VIMARANENSE)

REVISTA QUINZENAL, LITTERARIA E RECREATIVA

ASSIGNATURA		Domingo, 2 de Cutu- bro de 1892	REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO RUA DAS LAMELLAS, 49 GUIMARÃES
Serie de 24 numeros	600 reis		
» » 12 »	300 »		
» » 6 »	150 »		

AMOR E MULHERES



ASSUMPTO é velho como o mundo e extenso como a humanidade. E' por via de regra o motivo de todas as obras litterarias desde o drama lyrico até ao romance realis'a. Na ordem transcendente é o Espirito-Santo das obras d'arte: é a Beatriz do Dante, é a Fornarina de Raphael, é a Natercia de Camões.

Aquelles escriptores que, como Julio Verne, pretendem iniciar a litteratura scientifica, esses mesmos, não podem fugir ao prestig'o encantador do elemento feminino; vêem-se obrigados a temperar a excentrica seriedade de Ph'leas Fogg com os sorrisos de miss Aouda.

Todavia, como é natural, o ponto de vista do litterato é em geral o d'um pintor: traduzir no livro os menores relevos d'uma paisagem amorosa vista atravez do seu temperamento especial — é todo o seu fim. «Romen e Julieta» de Shakespeare, «Abeillard e Heloisa» de Pope, «Paulo e Virginia» de Bernardin de St. Pierre, são pinturas perfectas.

Más são pinturas, casos particulares; são obras d'artistas, não de sabios.

E' diverso o alvo dos philosophos do amor. Situados d'um modo especial, á semelhança do geographo que sobe á montanha para ver as evoluções do terreno, o philosopho experimenta e analysa, induz e deduz. Depois medita, e é então que surge a ideia geral, a obra de syntese.

Em principio a obra do philosopho é superior á do artista; pelo menos é, em certo sentido, mais verdadeira e por isso mais grata ao sabor do leitor intelligente. Assim se explica a sympath'a indelevel

com que se relêem os «Ensaio» de Schopenhauer, de Lichtenberg, de la Rochefoucauld; enquanto que bellos livros como o «Eurico» de Herculano, a «Atala» de Chateaubriand, só o encanto da forma os convida a lêr segunda vez.

Eu não me admiro de que a leitora seja de opinião contraria. A mulher sente e pensa mais superficialmente do que o homem (1); o sentir com mais frequencia é uma questão secundaria. O bello sexo não conta genios comparaveis sequer a Mozart, a Vinci, a Kant, a Newton. A historica Thereza de Jesus é inferior a Francisco d'Assis. A propria Joanna d'Arc é mais celebre do que heroica. A unica superioridade da mulher está em crear e... apaixonar o homem.

No entanto, amavel leitora, ninguem te censurará a preferencia que dá á arte sobre a philosophia. E não será o «Ideal», ávido das tuas graças, que flirtará em assumpto refractario ao teu gosto e temperamento.

E haverá nada mais conforme ao teu espir'ito gentil do que o amor—a preocupação constante dos melhores 20 annos da tua vida?

Se é certo que te não vou offerecer, como acima disse, um quadro d'amor, uma «pagina d'amor», não é menos certo que te pouparei a fastidiosas considerações de alta metaphisica.

Ordinariamente quem escreve sobre a philosophia do amor, ou faz uma monographia, e n'esse caso debuxa uma pintura, ou accumula uma serie de definições de auctores celebres, definições var'adas até serem contradictorias, ligando-as com meia duzia d'ide'as, as mais das vezes frivolas. De sorte que em geral o artigo dá a impressão

(1) «La donna è mobile» dizem os italianos. «La femme est légère» dizem os francezes.

desagradavel d'um todo sem harmonia, sem methodo, truncado a espaços.

A esse systema, rigorosamente hybridico, é preferivel uma exposição resumida, mas ligada e uniforme, das theorias d'um escriptor-philosopho, auctor d'uma obra pessoal.

Com certeza o leitor ha-de apreciar este processo que vou seguir.

(Cont'nua).

FRA-ANGELICO.



BEIJO DE AMOR

(A meu Pae)

Quando duas bocas sagradas pelo amor se approximam para proceer, impossivel que a lua do ineffavel beijo, não haja um estranhamento no immenso mysterio das estrellas.

VICTOR HUGO.

Duas bocas geladas, mudas, frias,
Ao tocarem-se pela vez primeira
Transformam-se em sublimes energias
— Relampagos de enormes baterias! —
... Assim dormita a luz na pedrneira.

Em mysterio ainda mais profundo:
Duas almas contemplam-se de frente
Na intími lade do beijo feneo
Que as enlaça, como um mualo —ou'ro mundo:
Cadeia magistral, au laz, ingente!

Esta lei jage em solida harmonia,
Estrella, planta, ser que soffra ou gose.
Ha noite na tristeza, e claro dia
De brancas alvoradas na alegria:
«Tudo immanon da etherea nebulose.»

Ribeira de Pena, 1892.

BELLARMINO DE ABREU.

CONFIDENCIAS TRISTES

I

NA dolorosissima e escabrosa estrada da vida, n'esta romagem viscosa que tolos nós vamos emprehendendo atravez do mundo, ora cheios de abnegação e amor, ora desalentados e envenenados pelo egoismo fatal dos tempos, que tudo corroe e damnifica,—ha

dias verdadeiramente amargos e noites sinistramente tenebrosas e horrendas!... Ha dias tambem—digamol-o sem rebaço—que parece quererem trazer ao mundo o doirado e bemdito sol d'uma sempre almejada felicidade, toda paradisiaca—onde apenas se ouve, a espaços, o louco e embravecido rumorejar d'alguma tempestade que breve se desfaz e morre, para depois podermos divisar no ceruleo e descampado ceu da nossa phantasia, o escasso Iris da bonança e assim dormirmos, socegradamente, o somno angelical de boas e beatificas almas, que porventura nos seja da'lo dormir tambem, ainda que estas noites e estes dias tão appetecidos e tao ardentemente sonhados são, como quasi sempre acontece, de mui ephemera e curta duração.

No emtanto—forçoso é dizel-o!— tudo encontrar vimos na perigosa e arriscada arêna da nossa existencia: dias amargos e tristes, e dias venturosos e felizes: noites sinistramente tenebrosas e horrendas —pavorosas noites de morte! —e noites verdadeiramente ditosas e alegres, onle a corrupção e a orgia, muitas vezes, campe'am desenfreata e desbragadamente, e onle —com grande pezar o digo!— tirar vamos passa-pote para a derradeira e mais tremenda das viagens: o nosso funerario caminhar para alem campá!...

Na seductora quadra da nossa men'niço, tudo nos apparece sorridente e bom, tudo nos alegre e encanta, tudo nos commove e anima; mas esta idade, em que o nosso florido viver é tolo feit de canlura e innocencia, passa como o meigo e doce sopro da brisa que, em dias de tropical calmaria, innocentemente e docemente nos vem oscular, para logo nos deixar sujeitos de novo aos pestiferos e ardentes raios d'um sol que que'ma e mata.

Quão felizes nós seriamos, se, durante tola a nossa mundana travessia, tivéssemos sempre a seguir-nos os risos candurosos da infancia e as harmonias calenciadas d'esta quadra doirada do nosso primeiro existi!... então teriamos encontrado sobre a terra o nosso Eden celestial, que tão diffiil di em ser de conquistar e a que, com justiça, todos temos um certo direito. Succedem-se, porem, ininterruptamente as differentes phases da vida, rasgando-se vae, pouco a pouco, o negro véo da illusão, e eis-nos immediata e intemp'stivamente —antes assim nada acont'era— a braços com todos os pezadellos d'uma existencia já de si inguntamente corrupta e por todos corrompida.

E' triste, mas é verdade!... Tem que dizer-se.

(Continua).

SÁ COUTO.

N'UM ALBUM

Pedis-me, senhora, uns versos.
Uma endecha, um madrigal,
Mavioso trino d'amor
Ou trova sentimental...

Desculpas mil a Vocencia...
Exigir um tal pedido
Do meu estro sem ideal,
Senhora, é tempo perdido.

Madre-silvas, myosotis,
—Iris d'etherio palor—
Pedi... e quantos quizerdes.
Versos?— Não sou trovador.

Semente em minh'alma sceptica
A esp'rança... e logo ao florir
Achar-me-hei um poeta...
E versos... os que pedir...

Mondim, 1892.

TYTIRO.

DESCRENTE

A LUA surgia no horisonte e
espreguiçava os seus pra-
teados raios por sobre a natureza, e,
como um lirio immaculado, abria o
calix d'amor na abobada celeste cra-
vejada de scintillantes estrellas.

A briza nocturna roubava a olo-
rosa essencia das laranjeiras, espar-
gindo-a pelo ambiente; e lá em bai-
xo o rio deslisava tão socegadoamente
que parecia embalar o somno d'uma
creança.

Na sala luxuosamente mobilada
a lua projectava o seu clarão côr de
perola, illuminando todo o interior e
como que interrompendo a conversa-
ção que alli se ouvia.

Ella, elegante, formosa como os
amores, deslumbrante com a belleza
do rosto e com o brilhantismo das
suas *toilettes*.

Elle, vivamente apaixonado por
ella, estava alli como um escravo na

eterna esperanza de lhe ouvir uma pa-
lavra d'amor.

Era capaz de sacrificar a sua vi-
da em prol da folicidade de quem
tanto amava.

Apertava-lhe febrilmente a mão
setinosa, e declarava-lhe o amor mais
puro e santo que pode existir.

Mas ella não o podia amar; era-
lhe impossivel acreditar nas suas pa-
lavras.

Tambem ella amara muito e com
sinceridade, mas mentiram-lhe e a
ingratidão murchou-lhe a flor da cren-
ça, Hoje não crê no amor; o seu co-
ração é frio como a neve das mais al-
tas montanhas.

E á confissão do seu amor, ella
com um sorriso feito de incerteza,
respondeu: «O meu coração, depois
de muito sangrar, tornou-se de gelo.
Mataram-me todas as aspirações, des-
folharam-me todas as esperanças quan-
do tudo me dourava a existencia, —
o meu amor morreu.»

Porto, 1892.

A. LEÃO MARTINS.

QUERULO

Tudo troquei pela lyra
Somente p'ra te cantar;
Mas tu garbosa Cinira,
Não me quizeste escutar.

P'ra te amar eu desisti,
Do melhor que a vida tem;
P'ra te amar foi que perdi
O amor de minha mãe.

Amor de mãe! amor sublime!
A todos superlativo;
Com essa perda perdi-me,
Sem esse amor eu não vivo.

Lisboa, 92.

JUSTINO DE CARVALHO.

O INGLEZ ERRANTE

(CONTINUAÇÃO)

CONSERVO ainda uma lem-
brança d'elle: é um canive-
te—sacarolhas—caneta—escova de
dentes—pente, marcado com as let-
tras W. L. A. —13.

Perguntei-lhe um dia o que si-
gnificavam aquelles algarismos. Era
o seu numero de collegio e, para não
desmarcar os objectos, tinha-o sempre
conservado.

Encontrei-o em Bruxellas, em
Colonia, em Marselha... Parecia
sempre que acabava de aprear-se do
wagon.

A ultima vez que o vi entendia-
mo-nos já perfeitamente: foi em Ge-
nebra. Jantamos juntos e eu pergun-
tei-lhe qual era a sua residencia ha-
bitual.

—Eu não residio, respondeu-me.

—Pois que!... Não tem lar do-
mestico?... Nem familia, ao menos?...

—Tenho as minhas malas e sou
só.

N'esse caso deve aborrecer-se
muito.

—Nô!

—Que faz então?

—Viajo!

—Para divertir-se?...

—Nô!

—A negocios?

—Nô!

—Sem destino?!

—Sim!

—?!

Foi a minha cara quem disse es-
ta ultima phrase.

Elle respondeu-me:

—Viajo para estar n'um desastre
de caminho de ferro.

Já me tem acontecido ver n'um
estabelecimento hydrotherapico, um
individuo receber um *douche* d'agua
gelada na cabeça...

Que careta! Que salto!

Que atordoamento depois!

Foi exactamente o que me acon-
teceu ao ouvir a resposta do meu
inglez.

(Continua).

J. P.

Era bella, muito bella,
Subtil qual mariposa;
Tinha encantos d'uma rosa,
E o brilho d'uma estrella.

Como a tinida gazella
Eu vi esta *hourì* mimosa,
Com sua voz melodiosa.
Qual trinar de philomela.

Não toldava um só desgosto
O viver encantador,
D'esta virgem d'Ariosto.

Mas eis que lá vem a morte,
Essa hyena do terror...
E mata-a —que dura sorte!—

Povoa de Lanhoso.

JOÃO CARVALHO.

BOLETIM ELEGANTE

Desde o dia 3 do corrente até ao dia
15 fazem annos as exc.^{mas} sr.^{as}:

Dia 8—D. Ignez Augusta de Souza
Queiroz.

Dia 9—D. Beatriz Felgueiras.

Dia 10—D. Dorothea Teixeira de Me-
nezes.

Dia 13—D. Annalia Alves Lemos.

Dia 14—D. Rosa Amelia Ribeiro de
Faria.

EXPEDIENTE

Já mandamos para as dif-
ferentes estações postaes os
recibos d'assignatura do nosso
jornal.

Rogamos aos nossos esti-
maveis assignantes a fineza de
os mandarem satisfazer o mais
breve possivel. N'esta epoca
em que as materias primas es-
tão carissimas é pouca toda a
protecção.

RESPONSÁVEL, JOÃO J.